



A LUTA CONTRA A DOENÇA QUE PODE IMPEDIR DE SER MÃE

Diagnósticos tardios provocam infertilidade em milhares de mulheres em todo o mundo. E um dos hábitos que auxiliam no combate à doença é a alimentação. [\(pág. 08\)](#)



Falta de absorventes ameaça saúde e impede igualdade de gêneros

Ausência de políticas públicas e métodos que contrariam as normas de higiene. Como a pobreza menstrual faz com que muitas pessoas percam oportunidades de trabalho e de estudo? [\(pág.09\)](#)

Intolerância: muçulmanas sofrem preconceito e violência no Brasil

Relatório de islamofobia no país mostra que mulheres que fazem o uso do hijab são as mais atingidas. A maior parte da violência, acontece em lugares públicos. [\(pág.06\)](#)

Ensino superior está mais acessível para brasileiras acima dos 40 anos

A popularização dos cursos a distância criou novas oportunidades para mulheres que priorizaram a maternidade, mas não tinham recursos ou incentivo para seguir com os estudos. [\(pág.06\)](#)

Mulheres conquistam espaço nas competições de e-sports

Elas já representam 51,5% do público nos jogos eletrônicos. Ainda assim, o assédio e o baixo investimento são as principais dificuldades para o crescimento. [\(pág.10\)](#)

Presença feminina no rock: desafios na busca por reconhecimento

Artistas e consumidoras buscam respeito e espaço no cenário musical por meio do talento. Mas ainda esbarram no descrédito. [\(pág.13\)](#)

Rainha do basquete nacional fala sobre o sucesso na carreira

Hortência Marcari conta que o otimismo é uma forma de encarar as derrotas da vida. Leia a entrevista na íntegra. [\(pág. 11\)](#)



PALAVRA DA EDITORA

DESAFIOS, TRABALHO ÁRDUO E CONQUISTAS: UMA FOTOGRAFIA DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Dia após dia, o mundo testemunha a incrível resiliência e a capacidade das mulheres de romperem barreiras, desafiarem estereótipos e liderarem com as mais diversas áreas da ação humana. Caminhos ainda repletos de pedras, imensos buracos e obstáculos aparentemente intransponíveis, pelo menos para aqueles que insistem em não enxergar a força feminina e sua capacidade de aglutinar para compartilhar, seguir infinitamente ou recomeçar quantas vezes forem necessárias. Esta edição do Fapcomunica é dedicada às mulheres, com olhar atento sobre questões cruciais que permeiam suas vidas e trajetórias. Da saúde feminina à segurança e à igualdade de gênero na política, do ecofeminismo ao mundo do rock, aos e-sports e às arquibancadas dos estádios de futebol, além dos ensinamentos de Hortência, a rainha do basquete brasileiro. Mergulhamos nas diversas facetas desse universo e procuramos despertar quem permanece adormecido por pressões e leituras sociais que resistem ao tempo e ao novo, que requer respeito, empatia e aprendizagem.

O acesso à informação e aos cuidados adequados são pilares para a mulher em sua plenitude. Nesta edição, destacamos a importância do combate a uma doença, por vezes silenciosa e desconhecida por muitos, que, se não descoberta e tratada a tempo, adia ou impede sonhos por meio da infertilidade: a endometriose. Ainda sobre saúde, os efeitos emocionais da pressão por corpos considerados perfeitos, em especial nas redes sociais, e a luta de quem precisa passar pelo período menstrual com dignidade, higiene e segurança, mas que enfrenta barreiras econômicas para isso.

Esses são apenas alguns dos aspectos que levam à urgência do aumento da representatividade das mulheres na política. Nossas reportagens exploram os desafios enfrentados por elas para atuarem de forma efetiva nos cargos eletivos pelo país afora. Por outro lado, o Fapcomunica também explica como as candidaturas coletivas podem ser ferramentas poderosas para a inclusão de vozes femininas nos espaços de tomada de decisões, ainda dominados pelos homens. Além disso, enfatizamos a necessidade de uma educação política que as capacite para se envolverem plena e amplamente no processo democrático. Buscamos inspiração em líderes femininas que marcam presença por meio da determinação e do compromisso com a igualdade de gênero.

Mostramos a luta ligada ao movimento ecofeminista e discutimos de que forma as mulheres promovem maior conscientização sobre questões ambientais e a importância de trabalhos invisibilizados socialmente, como o das catadoras, que têm papel crucial na reciclagem, fundamental para a preservação do meio ambiente. Nesta edição, também celebramos aquelas que decidem traçar novos objetivos, com a formação acadêmica depois dos 40 anos. São histórias que ilustram como o acesso à educação é uma estrada para a independência e a realização pessoal. E para quem busca a autorrealização por meio da arte, um dos espaços historicamente dominado pelos homens é o cenário do rock and roll. Ainda hoje, artistas e consumidoras precisam de força para garantir o reconhecimento do talento ou mesmo da preferência genuína pelo estilo musical.

Desafios enfrentados também pelas mulheres nas obras audiovisuais, em jogos on-line e nos e-sports. Apesar de competirem em alto nível e liderarem vários segmentos nesta indústria que não pára de crescer, elas passam por questionamentos e preconceitos. Exploramos este mundo por meio de lentes de mulheres talentosas que deixam suas marcas e abrem caminho para a próxima geração.

Já nos estádios de futebol, torcedoras batalham por segurança e tentam combater o assédio, numa competição paralela ao próprio esporte, para conseguir a liberdade de escolher o que vestir, sem medo de ataques e ofensas.

Essa garra e a insistência em superar limites são ilustradas na entrevista exclusiva de Hortência Marcari, a rainha do basquete brasileiro, ao Fapcomunica. Sua trajetória impecável, em quadra e fora dela, sua paixão pelo esporte e sua luta pelo reconhecimento das atletas femininas são mais que um lembrete: são uma prova de que é possível alcançar a excelência em qualquer campo que elas escolherem.

Por fim, esta edição especial é uma celebração das mulheres, suas conquistas e sua luta por igualdade. Convidamos você a se juntar a nós, na reflexão sobre como podemos incentivar o protagonismo feminino. Chamamos à ação e lembramos que, juntos, podemos construir um mundo mais igualitário, justo e inclusivo.

DEISE OLIVEIRA

FAPCOMUNICA

ANO 10 - NÚMERO 18 - JUNHO DE 2023

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE COMUNICAÇÃO

Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção:

Pe. José Erivaldo Dantas

Coord. curso de Jornalismo:

Profa. Deisy Feitosa

Conselho Editorial:

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito
Pe. José Erivaldo Dantas
Pe. Benedito Antônio Bueno de Almeida
Profa. Deisy Feitosa
Prof. Tiago Souza Machado Casado

Coordenação de redação:

Profa. Deise da Roza Oliveira - Mtb 43.796
Profa. Deisy Feitosa - Mtb 57.251

Projeto Gráfico e coordenação de diagramação:

Profa. Patrícia Pena

Edição:

Profa. Deisy Feitosa - Mtb 57.251
Profa. Vaniele Barrieros - Mtb 35.576

Revisão:

Prof. Bruno Cesar dos Santos

Equipe de redação e diagramação:

Alunos do III Semestre do curso de Jornalismo/Primeiro semestre de 2023

Impressão: Gráfica Paulus

Tiragem: 2.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Mulheres ganham representatividade política com candidaturas coletivas

Vereadoras eleitas na cidade de Ribeirão Pires, na Grande São Paulo, relembram desafios, conquistas e o aumento da bancada feminina



Daniela Henrique, Márcia Gomes e Jacque Cipriany no gabinete da Coletiva de Mulheres
FOTO: DIVULGAÇÃO COLETIVA DE MULHERES

Uma modalidade diferente de disputar eleições, e que existe há quase trinta anos, tem se tornado estratégia para aumentar a participação feminina na política brasileira. São as chamadas candidaturas coletivas. Um exemplo disso é a “Coletiva de Mulheres”, da cidade de Ribeirão Pires, região metropolitana de São Paulo. São doze mulheres, representadas pela vereadora Márcia Gomes (PT), que defende as ideias compartilhadas pelas integrantes do grupo.

Para Márcia, um dos principais impactos do grupo eleito é a atuação na Câmara dos vereadores do município. “Viemos para analisar e colocar projetos, fiscalizar efetivamente a cidade e a pre-

“As mulheres têm uma avaliação muito mais ampla da política, [...] então nada mais justo falar sobre aquilo que passamos” -

Daniela Henrique, co-vereadora

feitura.” A co-vereadora Daniela Henrique completa: “ter mulheres de todas as frentes é uma coisa muito importante, a gente tem mina da educação, mina da cultura, porque temos que dar voz para quem é de direito.”

As co-vereadoras não têm verbas e não recebem pela participação nas decisões. Isso porque as candidaturas coletivas são consideradas inexistentes do ponto de vista jurídico. Assim, elas precisam trabalhar além da política, o que dificulta reunir todas as mulheres nos momentos necessários, já que cada uma tem sua rotina. Esse é um dos motivos importantes que fazem Márcia Gomes defender o reconhecimento desse tipo de man-

dato: “Achamos importante essa discussão na câmara para que as candidaturas coletivas possam ser legalizadas e oficializadas, pois dessa forma a gente consegue que todas recebam e possam utilizar a tribuna.”

Daniela destaca outros contratempos no dia-a-dia, que precisam ser resolvidos para que o espaço feminino seja respeitado: “Há questões pequenas como a placa onde se lia ‘Vereador Márcia’ ... debatemos que não aceitaríamos”, lembra a co-vereadora. Márcia cita outros casos ocorridos durante o mandato iniciado em 2021, como o cerceamento da fala, desligamento do microfone e até mesmo se retirar do local enquanto a vereadora ocupava o púlpito. Essas ações são classificadas pelas vereadoras como machistas e como exemplos de violência política de gênero.

Estes desafios, ao lado do fato de que as mulheres compõem 51,1% da população brasileira, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, o PNAD de 2021, apontam a necessidade da presença de mulheres nos espaços políticos. “É muito importante pois ninguém passa por aquilo que a gente passa, né? As mulheres têm uma avaliação muito mais ampla da política, nós quem levamos os filhos ao posto de saúde, fazemos as compras no mercado, nós que vamos nas reuniões na escola, então nada mais justo falar sobre aquilo que passamos”, explica Daniela.

Elas avaliam que o impacto na política de Ribeirão Pires, já podem

ser notados. Márcia cita, como um dos pontos positivos, a aprovação do projeto Patacori Ogum, que aborda religiões de matriz africana. Mas, apesar dos avanços, a vereadora e a co-vereadora entendem que é ainda necessário que a população compreenda melhor os papéis de cada cargo dos poderes executivo, legislativo e judiciário para que, desta forma, saiba como votar. “O mais importante não é só ocupar: estamos aqui todos os dias para todas as mulheres entenderem a diferença que fazemos aqui dentro e aprenderem a votar em mulheres”, conclui Daniela.

CANDIDATURAS COLETIVAS

Candidaturas coletivas são uma forma de participação política em que um grupo de pessoas se candidata a um cargo político juntas, compartilhando responsabilidades e decisões. Em vez de eleger um único indivíduo, os eleitores podem escolher um grupo de candidatos que trabalharão em conjunto para implementar políticas e representar seus interesses, os integrantes selecionam dentro do coletivo alguém responsável por levantar os tópicos e ideias fomentadas pelo grupo. Essa abordagem visa promover uma democracia mais participativa, permitindo que mais vozes sejam ouvidas no processo político.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
KARINA BENEVIDES

Educação política é via para igualdade de gênero

Maioria no eleitorado do Brasil, presença feminina ainda é limitada; relatório indica que mulheres tomam decisões mais inclusivas

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mulheres representam 52,65% das pessoas aptas a votar. Mas a representação feminina em cargos eletivos é de apenas 15%. Além disso, desde o fim do regime militar, somente dez mulheres foram eleitas como governadoras e apenas uma mulher ocupou o cargo de Chefe de Estado. O relatório intitulado “Mulheres, Empresa e o Direito 2021”, publicado pelo Banco Mundial, coloca a educação política como fator chave para a promoção da igualdade de gênero e para o fortalecimento da democracia. Mulheres com essa formação, votam melhor, além de ter mais chances de participar ativamente da área e ocupar cargos de liderança, de acordo com estudo.

Uma das formas de contribuir para a conscientização política das mulheres é por meio da educação midiática. A constatação de uma

pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2020, é de que somente assim as mulheres podem analisar e interpretar informações de forma crítica, com conscientização política e maior participação nas decisões de suas comunidades.

“É importante aumentar a presença de mulheres na política. Infelizmente, é uma minoria que exerce essa função”, diz a estudante de jornalismo Karoline Silva Lopes. “Nos parlamentos, nas câmaras, não tem muitas mulheres presentes, e quando há, são rebaixadas. As vozes delas são caladas, e não tem voz para falar”, complementa. Karoline ainda pontua que maior representatividade feminina na política é necessária pois, segundo ela, “só mulheres pensam em mulheres. As mulheres sabem o que as outras passam, então consequentemente uma

vai ajudando a outra”, conclui.

Outro estudo que destaca a importância da inclusão e participação feminina na política é o relatório “Mulheres na Política 2021”, da União Interparlamentar (UIP). O relatório enfatiza que a presença das mulheres na tomada de decisões pode resultar em políticas mais inclusivas e abrangentes, bem como impactar positivamente no desenvolvimento econômico, redução da pobreza e melhoria da saúde pública.

Para Giovanna Marques de Araújo, também universitária, “a importância de aumentar a presença de mulheres na política é mais sobre uma ocupação do seu espaço, daquilo que lhe pertence. É importante que as mulheres tenham o poder de mudança, e que lutem pelos nossos direitos.” Giovanna também ressalta a relevância de educar-se politicamente: “política não é só o que a gente entende hoje em dia.

Política é tudo. É você existir como cidadão em uma sociedade”, explica.

A educação política não apenas encoraja a participação cívica da população além de promover a qualidade da democracia e o fortalecimento da sociedade civil, mas também tem um papel fundamental no desenvolvimento de grupos social e politicamente vulneráveis. Mesmo assim, o interesse pela política não é consenso no Brasil. Uma pesquisa realizada em 2020, pelo Datafolha, entrevistou 2.065 pessoas de todas as regiões do país. O estudo tinha como objetivo analisar a percepção dos brasileiros sobre temas relacionados à política e às eleições. O levantamento apontou que, à época, 39% dos entrevistados não gostavam ou não se interessavam por política, e que 20% dos entrevistados não se identificavam com nenhum partido político.

A jovem estudante de jornalis-

mo Giovanna Csiszar acredita que sua consciência política individual “não é das melhores.” Ela relata que não teve uma base muito boa desde cedo. votou pela primeira vez nas eleições de 2022: “Foi o único ano que realmente me interessei em correr atrás sobre o meio político, em se informar cada vez mais...Atualmente, me considero mais informada e consciente, porém ainda de uma forma que pode melhorar.”

Quando perguntada sobre quais mudanças podem ser alcançadas por meio de maior conscientização política feminina, Giovanna aponta que é possível conquistar “mais direitos e políticas públicas”, e que é importante aumentar a presença de mulheres na política pois, “é um espaço democrático, e todos devem participar, não apenas um grupo de pessoas.”

REPORTAGEM:
EDUARDO SALVADOR

Violência contra a mulher cresce no país

Vulnerabilidade em lugares públicos e nos meios digitais fazem parte do drama enfrentado na própria família e dificultam o acesso à legislação



FOTO: Mulheres se organizam pelo fim da violência
FOTO: ANETE LUSINA

Muito frequentemente são vistos, na internet, depoimentos de mulheres que sofrem violência doméstica, assédio nos lugares públicos e até abusos psicológicos nos meios digitais. Pesquisa realizada em 2021 pelo DataSenado, aponta um aumento na percepção das mulheres sobre a ocorrência da violência doméstica. Para 86% das entrevistadas,

a violência contra mulher cresce. Além disso, 71% das mulheres entrevistadas afirmam que o Brasil é um país muito machista. E 68% conhecem no mínimo uma mulher que foi, ou é, vítima de violência doméstica. Já o número de mulheres que declararam já ter sido agredidas por um homem, ainda de acordo com a pesquisa, é de 27%. O DataSenado também aponta que 18%

das mulheres agredidas possuem convivência diária com o agressor.

A tudo isso, soma-se a insegurança nas ruas, o que mostra que a questão é estrutural e esbarra na necessidade de melhor aplicação das leis, além de políticas públicas que visem a igualdade de gênero. É o que explica o advogado Marcelo Sampaio, ex-presidente da OABPrev: “o problema da falta de segurança nas ruas não é sobre legislação, mas sim sobre uma questão cultural e comportamental, principalmente por causa dos homens, e em certas regiões a questão é mais grave. A falta de segurança nas ruas é mais um problema social, acontecendo gradualmente, demorando para melhorar os problemas que isso causa, porque é um país de terceiro mundo, com muita desigualdade e muita pobreza, com isso é praticamente impossível garantir uma segurança devida”.

Um dos instrumentos mais importantes para o enfrentamento desta realidade é a Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/2006, que inclui violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, e garante a qualquer pessoa registrar formalmente uma denúncia, e não apenas quem está sob essa violência. De acordo com Gustavo Adolfo Mamede Rugai, advogado com especialização em processo civil e proteção patrimonial, “o acesso à justiça para as

mulheres ainda é muito deficiente e pouco eficaz, se comparado ao tamanho de denúncias que surgem a cada dia. Elas precisam ter acesso a recursos legais e financeiros para poderem buscar ajuda e proteção quando necessário. Isso inclui o acesso a abrigos, serviços de apoio psicológico e jurídico, dentre outros.”

Além disso, a legislação precisa estar em constante evolução para atender às mudanças nas necessidades das mulheres. “Isso pode incluir a criação de novas leis para abordar questões emergentes femininas ou a revisão de leis existentes para garantir que elas reflitam os valores e necessidades atuais da sociedade. Às vezes, mais importante do que a existência da lei, é a eficácia da sua aplicação, sendo o maior problema que ocorre aqui no Brasil”, completa o advogado.

Enquanto a sociedade luta para a melhor aplicação das leis, as mulheres convivem com as consequências da violência. Rugai destaca que “a violência contra as mulheres, seja nas ruas ou em locais privados, pode afetar profundamente o seu bem-estar psicológico, muitas vezes de forma tão grave quanto um abuso sexual. O medo constante de ser vítima de violência pode levar a sentimentos de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e outras condições psicológicas... o que restringe



Ligue 180 é um serviço de utilidade pública de apoio à mulher. É uma central de atendimento que faz parte da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos e funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana.

São três tipos de atendimento: registro de denúncias, orientações para vítimas e informações sobre leis e campanhas. Recebe denúncia de violação contra as mulheres, dá orientação para mulheres em situação de violência e fornece informações sobre os direitos da mulher.

COMO DENUNCIAR?

O contato pode ser por:

- Por telefone, disque 180;
- Chat online, no site da Ouvidoria;
- Ou por aplicativo no celular (Direitos Humanos Brasil).

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
LÍVIA EDUARDA

Denúncias falsas prejudicam luta contra a violência

O prejulgamento dificulta o reconhecimento de agressões e silencia vítimas



FOTO: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA
Luta: Movimentos de mulheres e feministas do Distrito Federal e Entorno realizam ato unificado pelo Dia Internacional da Mulher, e contra a perda de direitos.

Falsas denúncias de violência, cometidas por parte da população feminina, tem prejudicado casos verídicos, que necessitam da aplicação da Lei Maria da Penha, indispensável num país que ocupa a 5ª. posição no ranking mundial em feminicídios. As acusações inverídicas inibem relatos reais, que muitas vezes são desacreditados por autoridades masculinas e até mesmo por familiares da própria vítima, o que atrasa ou até mesmo impede o devido atendimento àquelas que

vivenciaram ou ainda vivenciam o drama da violência doméstica.

A preocupação de especialistas com as denúncias falsas é corroborada pelos números que apontam o aumento da violência contra a mulher. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha, para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que todas as formas de agressão contra a população feminina aumentou em 2022. Pela primeira vez, a análise constatou que 1 em cada 3 mulheres já foram agredidas de forma física,

psicológica e sexual ao menos uma vez na vida. Essa pesquisa brasileira também concluiu que o número é superior à média global de 27%, de acordo com a apuração da OMS (Organização Mundial da Saúde), realizada em 2021.

E mesmo com recursos e leis, a maioria das mulheres ainda passa por situações de ataques e não recebem assistência. De acordo com a psicóloga Ana Clara Almeida, essa contradição é muito prejudicial ao atendimento das vítimas: “O tratamento direcionado a essas mulheres é fundamental em seu processo de entendimento. O falar se torna uma ação terapêutica, onde essa vítima consegue enxergar com clareza as situações em que foi inserida.”

A falta de reconhecimento pela própria mulher, seja por medo de ser desacreditada, por vergonha ou qualquer outro impedimento, pode ser fatal. A fundadora do projeto Aqui Não Tem Cala Boca, Marina Stuchi, explica a urgência de se interromper a trilha das agressões, o que depende da credibilidade do relato das vítimas: “As violências simbólicas, morais, patrimoniais e físicas são o caminho

que o feminicídio percorre até a morte daquela mulher.

Outra consequência da descredibilização das acusações são ataques nas redes sociais. Os gatilhos de medo fazem com que a mulher tema denunciar ou não consiga se reconhecer como vítima e abstraia a violência sofrida. “A partir disso, é preciso tomar cuidado com as redes sociais, realizar qualquer tipo de atendimento através dessas plataformas pode levar a vítima à exposição e assim ir contra o conceito de local seguro”, destaca Almeida.

DENÚNCIA FALSA É CRIME

As medidas protetivas derivadas da Lei Maria da Penha são de urgência. Por isso, são tomadas com base na declaração unilateral da vítima, sem ouvir o suposto agressor, que é intimado para tomar ciência das restrições aplicadas. Esse procedimento abre espaço para possíveis punições injustas, o que pode recair sobre a própria denunciante. A falsa denúncia também gera indenização por constrangimento, danos morais e materiais, além dos prejuízos com o próprio processo.

O Brasil é o 5º país no ranking do feminicídio

ACNUDH

Ranking Mundial de Feminicídio



REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
MARIA CLARA COSTA

Política sob uma ótica ‘trans’formadora

Eleição de mulheres trans e travestis no Congresso Nacional demonstra novo cenário; em 2022, foram 70 candidatas, 35% a mais do que em 2018



Erika Hilton, Carolina Iara, Linda Brasil, Duda Salabert e Dani Balbi (da esquerda à direita), são as cinco trans eleitas no último pleito. FOTO: GUI MOHALLEM

Linda Brasil (PSOL-SE), Erika Hilton (PSOL-SP), Lunna da Silva (PSB-MG) e Duda Salabert (PDT-MG). Esses são os nomes de algumas das mulheres que contribuem para a ‘trans’formação do sistema político brasileiro, por meio da ampliação do espaço e da visibilidade trans em um congresso marcado historicamente pelo preconceito e pela exclusão de minorias, como a comunidade LGBTQIA+.

O aumento do espaço conquistado por elas na democracia brasileira pode ser caracterizado pela ampliação crescente da presença e participação de mulheres trans e travestis na política. No último período eleitoral, foram 70 candidatas – 35% a mais em relação às eleições de 2018, segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – e 5 eleitas para os parlamentos.

A política para as mulheres trans e travestis é considerada como uma – ou a única – forma de mudar toda estrutura transfóbica existente no país. A equiparação da transfobia ao crime de racismo e a incorporação das mulheres trans na lei Maria da Penha são um reflexo da importância da presença delas no sistema político para o alcance de direitos e aumento da visibilidade.

“O que me dá mais gás é saber que a minha história pode servir de inspiração, de motivação para outras mulheres trans, travestis, negras, mulheres da periferia, que sentem isso que eu sentia, que era um distanciamento da política”, afirma a deputada estadual Linda Brasil (PSOL-SE). Para ela, durante muito tempo as mulheres transexuais estiveram – e ainda estão – à margem do sistema político do país e, por isso, a presença delas nas cadeiras dos parlamentos é essencial para o

combate à discriminação e garantia da representatividade trans na sociedade.

Por outro lado, observa-se um dilema: apesar da maior presença das mulheres trans e travestis na política, a violência contra os transexuais permanece alta no país. Segundo a ONG Transgender Europe, o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo. Em 2022, foram registradas 96 mortes, mais que o dobro do índice do segundo colocado, o México. Além disso, no território nacional, de acordo com a ANTRA, os transexuais são os indivíduos que mais sofrem com abandono familiar, desemprego, possuem menor escolaridade, menor expectativa de vida e maior dificuldade no acesso ao ensino superior.

No sistema político, as dificuldades não são menores e a discriminação é constante. Em 23 de fevereiro, a vereadora Lunna da Silva (PSB-MG),

foi vítima de transfobia enquanto participava da votação de um projeto na câmara da cidade. Na ocasião, o presidente da câmara municipal de Pompéu, Normando José Duarte (PDT-MG), empregou pronomes masculinos para se referir à Lunna, utilizando “senhor” repetidas vezes. E, nem de longe, esta foi a única vez que ela se sentiu discriminada. “No início tinha muitos olhares, gestos, maneiras de falar. Você que já sofreu violência a vida inteira sabe quando é preconceito ou não. ‘O que ela está fazendo aqui?’ Eles se perguntaram assim, só que não tão publicamente como fez o atual presidente da câmara de Pompéu. Já vinha sofrendo isso calada, mas por ser uma pessoa do social, que lida com crianças, eu não queria manchar meu mandato com esse tipo de denúncia”, recorda Lunna.

Apesar da grande luta e da repres-

são que as mulheres trans e travestis sofrem nas casas legislativas, a existência delas no sistema político é vista como um ato de resistência. Por meio delas, pontos fundamentais como a visibilidade, a representatividade e o alcance de direitos para a comunidade LGBTQIA+ aumentam a cada dia.

Lunna destaca a importância dessas conquistas: “Eu já sofri bastante, aqui na minha cidade. Eu já fui humilhada, espancada, todo tipo de ato eu já passei, mas naquela época eu não conhecia a lei. Agora não, agora eu estou dentro da casa do povo e produzindo leis para o povo, então eu conheço as leis. Agora eu sei cobrar e buscar meus direitos. A política para mim é uma das coisas mais bonitas, quando bem feita. A política pode transformar toda a comunidade”, completa.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
RAYANE MACEDO

SEJA COMUNICADOR DE UM NOVO TEMPO

Os cursos da FAPCOM estão na faixa de excelência do MEC. Investimos em qualidade e infraestrutura em nossos estúdios e laboratórios para que os alunos tenham uma experiência real.

A FAPCOM está entre as melhores faculdades de comunicação do Brasil, com formação integrada às áreas de comunicação e filosofia.

● Graduação

● Pós-graduação

● Extensão

Próxima às estações Ana Rosa e Vila Mariana do Metrô



(11) 2139-8536

Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana - São Paulo/SP - CEP: 04017-030



Graduação depois dos 40: por que não?

Presença de mulheres dessa faixa etária cresceu 150% entre 2016 e 2021; aulas mais flexíveis facilitaram o acesso ao Ensino Superior

A presença feminina nas universidades está consolidada, visto que elas são maioria no ensino superior: aproximadamente 60% das ingressantes no último Censo do Instituto Nacional de Estudos e Pes-

quisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP. Porém, há um público que cresceu nos últimos anos: as mulheres com mais de 40 anos. Em um período de 5 anos (2016 - 2021), a presença delas aumentou cerca de 150%, segundo

dados do INEP. As razões para esse crescimento são várias, desde as variedades de forma de acesso ao ensino superior, com aulas online e horários flexíveis em cursos à distância, até o maior incentivo de familiares e amigos, resultado de conquistas da luta feminina por igualdade de gênero.

De acordo com o último censo do Ensino Superior do INEP, realizado em 2021, o perfil mais comum de um ingressante no ensino superior é uma mulher com 19 anos, ou seja, um público jovem que busca a graduação como forma de iniciar a carreira profissional. No entanto, a média de idade dos ingressantes aumentou nos últimos anos, principalmente pelo ensino à distância. O EaD, modo que permitiu maior acesso à graduação, possibilitou àqueles que não entraram numa faculdade por falta de tempo, necessidade de trabalho, etc, maior flexibilidade, tanto que a média de idade nessa modalidade de ensino é maior do que no presencial.

Caso semelhante ao de Aparecida Sena, 47, que havia iniciado a faculdade de Ciências Contábeis aos 19 anos, mas depois de um ano ficou desempregada e teve que parar os estudos. Hoje, viu no modelo EaD uma oportunidade de regressar à vida acadêmica, só que agora no curso dos seus sonhos, Pedagogia.

Aparecida, que mora em São Paulo, conta que a questão financeira foi determinante para trancar o curso,

mas diz que, atualmente, essa dificuldade poderia ser contornada. “Antes eram poucos que podiam fazer faculdade, era um povo mais selecionado. Hoje, há mais recursos, novos métodos como o Ead, além de planos de bolsa do governo para quem estudou na rede pública de ensino.”

Além disso, ter um maior controle de tempo dedicado aos estudos, foi o que também impulsionou a volta à faculdade, já que um dos maiores empecilhos seria conseguir administrar as tarefas cotidianas com uma faculdade.

Denise Alencar, 49, também da capital paulista, viu o modo de ensino à distância como uma possibilidade de realizar seu sonho. No começo, ela sentiu dificuldades para se adaptar a esse modelo, mas conta que as vantagens que lhe traziam eram maiores. Denise cursou licenciatura em Geografia na Unimes e se formou aos 43 anos.

Antes de iniciar a Licenciatura, ela conta que havia incertezas sobre a escolha de iniciar uma faculdade após os 40 anos, mas Denise encontrou na família um apoio fundamental em sua decisão. “Eu fui muito incentivada pela minha irmã e meu marido, que vieram em mim uma capacidade que até então eu desconhecia, pois tinha uma insegurança em voltar aos estudos depois de tanto tempo, e não conseguir acompanhar.”

A adequação a uma turma não é

fácil, e quando você tem uma diferença de idade com a maioria, fica ainda mais difícil. Esse era o pensamento de Inês Tupinelli, 51, quando iniciou o Curso de Pedagogia na Uninove. Porém, a realidade foi outra. Ela conta que foi muito bem recebida pelos colegas na classe e conseguiu se inserir na turma.

Após se formar, Inês deu continuidade na vida acadêmica e iniciou uma pós-graduação em psicopedagogia. Ela relata que gostaria de se aprofundar mais na área, “Esse desejo de fazer a pós veio no decorrer da graduação. O interesse surgiu com a vontade de aprofundar cada vez mais e adquirir conhecimento.”

A maturidade para escolher um curso que realmente seja adequado às suas expectativas é outra vantagem em realizar a graduação depois dos 40. As ofertas são muitas, em todo o Brasil, tanto para a licenciatura quanto para o bacharelado e para os cursos tecnológicos, especializados em determinada área, com duração mais curta mas que oferecem diploma de nível superior. Qualquer que seja sua opção, cuidado: verifique se a instituição tem o reconhecimento do MEC. É o que garante a validade do seu diploma em todo território nacional. Para isso, acesse o site: emec.mec.gov.br.

REPORTAGEM:
LEONARDO SENA
DIAGRAMAÇÃO:
PATRICIA PENA



APARECIDA SENA: antes impedida por questões financeiras, Aparecida realiza seu sonho de cursar Pedagogia
ARQUIVO PESSOAL

Muçulmanas ainda enfrentam intolerância religiosa

Mulheres que usam o hijab, no Brasil, sofrem agressões físicas e verbais

Muçulmanas que usam o lenço, mais conhecido como hijab, são as maiores vítimas de agressões físicas e verbais, de acordo com o primeiro relatório de islamofobia Brasileiro apresentado em 2022. Os locais públicos, ainda segundo o documento, são ainda mais perigosos para as mulheres que seguem o islamismo.

De acordo com a Federação das Associações Muçulmanas, a FAMBRAS, existem entre 800 mil a 1,5 milhão de muçulmanos no Brasil.

Já são mais de 83 instituições islâmicas no país, entre mesquitas, centros islâmicos e salas de oração. E apesar da quantidade de muçulmanos, a intolerância religiosa sobre o islamismo aumenta desde de 2001, ano em que aconteceu o atentado terrorista com as torres gêmeas, o que impulsionou muitas pessoas a associarem o islamismo ao terrorismo.

Mulheres que não são nascidas na religião mas se converteram ao islamismo sofrem mais preconceito, diz o Primeiro Relatório sobre islamofobia no Brasil. Isabel Polli, brasileira convertida aos 20 anos, relata que o que mais a entristece são as pessoas constantemente falando que ela se converteu apenas para agradar ao marido. “A sociedade diz que a religião islâmica é machista mas a sociedade brasileira também é, ouvir comentários como

“Não temos o direito de fazer quase nada a não ser servir os homens.”

esses me desanimam”. Por outro lado, Isabel afirma que nunca chegou a sofrer agressões mas percebe os olhares sempre que está em algum lugar público.

Um estudo feito por pesquisadores da USP em 2014 também mostrou que 92% das mulheres muçulmanas sofrem violência verbal em algum momento. A rua é o principal local onde a violência acontece, totalizando 72%, na pesquisa. Já no ambiente de trabalho, a discriminação é de 39,9% e de 31,8% no ambiente de estudo.

Fátima Cheaito, brasileira e nascida na religião islâmica, residente em São Paulo, diz que já está acostumada com os olhares de julgamento. “Tem como saber quando alguém está olhando por curiosidade e quem tem um preconceito aparente”.

Cheaito tem um canal no YouTu-

be que fala sobre a religião. Ela conta que é comum receber comentários desconfortáveis nas redes sociais “Alguns comentários estereotipados que escuto bastante é de que somos oprimidas e não temos o direito de fazer quase nada a não ser servir os homens. Infelizmente é um estereótipo que por mais que a gente tente explicar muita gente não quer acreditar. E aí falam que fizeram uma lavagem cerebral na gente para estarmos “defendendo” e “mentindo na internet”. E isso leva a vários comentários de ódio na internet, pessoas que acham que sabem mais sobre a religião do que nós que a seguimos e por mais que você explique, eles não vão acreditar”.

De acordo com um estudo publicado pelo “Pew Research Center”, o instituto norte-americano de pesquisa especializado em problemas sociais nos Estados Unidos e no mundo, os muçulmanos estão entre os primeiros, na lista de grupos que sofrem preconceito na sociedade. E as mulheres acabam sendo vistas como alvos fáceis pois são facilmente reconhecidas pelo uso do hijab. Com o aumento da comunidade islâmica no Brasil nos últimos anos, a esperança é de que o preconceito diminua e a compreensão sobre a religião se torne uma realidade. Porém, a crença popular de que o islamismo é uma religião machista, atrapalha a aceitação.



UNIDAS PELA PAZ: Representação de mulheres islâmicas

Fátima Cheaito explica por que esse ponto de vista é equivocado: “Infelizmente, vivemos em uma sociedade machista. O machismo está escancarado e normalizado. Mas a questão de alegar que a religião islâmica é machista vem dos estereótipos das culturas em que a religião se encontra. Por isso, é muito importante discernir entre religião e cultura. A religião islâmica não é

uma religião machista, muito pelo contrário, a religião islâmica foi a primeira a dar o direito à mulher para votar e herdar, 1400 anos atrás. Os direitos da mulher não são apenas presentes, mas também impostos”, conclui Cheaito.

REPORTAGEM:
LETICIA NOGUEIRA
DIAGRAMAÇÃO:
PATRICIA PENA

Catadoras de materiais recicláveis são destaque na luta pela preservação

De acordo com Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, as mulheres representam 70% das trabalhadoras em atividade no setor

O mais recente relatório divulgado pelo IPCC, Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, em março de 2023, concluiu que de 3,3 a 3,6 bilhões de pessoas vivem em contextos altamente vulneráveis às mudanças climáticas, ou seja são expostas à insegurança alimentar, inundações e secas. Dentre essa população, as mais afetadas são as mulheres. Mesmo ameaçadas por essas possibilidades, as mulheres atuam de maneira ativa em movimentos sustentáveis e, de forma mais forte, e por necessidades financeiras, estão as catadoras de materiais recicláveis.

Milena Bachir, jornalista e pesquisadora da Revista ClimaCom, idealizadora do projeto Inadequada,



Reciclagem: tem papel fundamental para proteção da biodiversidade e reduzir desastres naturais

AGÊNCIA BRASIL

que proporciona educação feminista e de diversidade, usa como referência o livro Feminismo para os 99%: um manifesto, escrito por Cinzia Arruzza, Nancy Fraser e Tithi Bhattacharya. Ela cita que “é muito curioso ver que 80% das pessoas impactadas com a questão climática são refugiadas e mulheres [...] a questão ecológica afeta de maneira direta à vida das mulheres, sendo impactadas socialmente, economicamente e em todos os sentidos educacionais”.

Segundo a Women in Finance Climate Action Group (coletivo de mulheres líderes de negócios, setor público e sociedade civil), esse fato também ameaça a segurança dessa parte da sociedade, tornando-as mais suscetíveis à violência doméstica, casamento infantil e agressão sexual.

Em contrapartida, as mulheres são as mais engajadas quando se trata de iniciativas sustentáveis e preocupação com o meio ambiente. De acordo com uma pesquisa recente realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) as mulheres têm liderado projetos de implementação de práticas sustentáveis relacionadas à agenda ESG (Environmental, Social and Governance), já que 72% dos conselhos administrativos de empresas, que têm alto desempenho na agenda ESG, é composto por uma ou mais mulheres. O ecofeminismo é um movimento que contribui com esse crescimento, segundo Milena “As principais práticas de ESG hoje estão vindo cada vez mais de grupos de mulheres de

diferentes frentes.” De acordo com ela, as mulheres estão cada vez mais “tentando dentro dos seus microuniversos lidar com essas questões.”

O Ecofeminismo é um reflexo da luta e engajamento das mulheres. Criado com o objetivo de defender os corpos femininos e o ambiente em que vivem, o movimento enxerga que a convivência no planeta deve ser de cooperação em função do bem estar. Bachir, explica que “o ecofeminismo faz esse movimento para colocar mais ainda o protagonismo das mulheres frente às questões climáticas [...] e traz uma crítica de como as mulheres de alguma forma vem se organizando ao longo dos anos à se preservar e a resistir frente às questões de violência, subjugação e assédio.”

No Brasil, atualmente, cerca de 70% dos 800 mil catadores de materiais recicláveis são mulheres, que desempenham diversas funções, tanto de coleta quanto de liderança dentro de cooperativas e associações de materiais recicláveis. Além de tomar decisões, promovem discussões, criam projetos e dão segurança para as colaboradoras que trabalham com materiais recicláveis.

Na Associação e Cooperativa Recicla Mais Brasil, localizada em Paranoá, Distrito Federal, cerca de 50% a 60% dos colaboradores são mulheres, entre elas a líder, Cristiane Pereira, que ao lado do marido, e em um momento difícil, desenvolveu e criou a associação. Durante esse período, ela viveu de perto a realidade das cata-



Resíduos separados pela cooperativa
AGÊNCIA BRASIL

doras de reciclagem. “Me sentia mal, porque era discriminada pelo trabalho que realizava” - comenta.

A partir dessa realidade vivida por ela, a associação passou a promover ações para melhorar a qualidade de vida, crescimento e empoderamento dessas mulheres. Através de parcerias com postos de saúde, são levadas informações sobre saúde feminina. E, por meio de uma colaboração com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) os catadores são acolhidos, além de receberem apoio de governadores para melhorar as condições de trabalho desse setor.

As coletoras de reciclagem são agentes essenciais de mudança, já que suas práticas além de contribuírem com a redução da poluição do solo, da água e do ar, também são símbolos de empoderamento. As ações das mulhe-

res que ocupam profissões que promovem a sustentabilidade merecem cada vez mais visibilidade já que elas “estão cuidando de algo que a gente (sociedade) perdeu a conexão” - comenta Milena Bachir.

“Elas estão cuidando de algo que a gente perdeu a conexão.”

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
VICTÓRIA SOUZA

Mulheres são mais afetadas pela crise ambiental

Vertente que relaciona o feminismo e a ecologia, ‘ecofeminismo’ ainda é pouco explorado no Brasil e reforça o paradigma de vulnerabilidade

As mulheres carregam maior parte do fardo causado pelas mudanças climáticas, independente do setor é o que aponta o relatório realizado pela ONU (Organização das Nações Unidas) Mulheres Brasil, elaborado em 2020. Destaca-se que, as mulheres dedicam praticamente o dobro de tempo em comparação aos homens para exercer tarefas domésticas e/ou de cuidado. Além de que, as mulheres já constituem, hoje, um grupo maior em situação de vulnerabilidade em relação aos homens.

Regina Célia Di Ciommo, professora e pesquisadora em sociologia ambiental, explica que a cultura de exploração capitalista oprime os mais vulneráveis e o ecofeminismo expõe essas raízes. “Na crise climática as mulheres são mais afetadas, vê-se isso em questões de seca, enchentes, perdas de casas, problemas que implicam a mãe diretamente, pois ela é aquela que vai providenciar a água, a encarregada de limpar a casa afetada pelo desastre natural e diversos outros casos correlacionados” afirmou. Regina diz ainda, que o cenário atual apenas será mudado

através da educação.

Segundo Bárbara Nascimento Flores, pertencente ao povo indígena Borum-Kren, as mulheres não são inseridas nos cenários domésticos por aspectos biológicos, mas sim pelo próprio sistema de organização social e cultural que foi ligando as mulheres às tarefas de cuidado. Costumes que beneficiam o capitalismo cada vez mais, por não contabilizar pelos serviços gratuitos invisíveis das mulheres.

Em linhas gerais, devido a uma combinação de fatores sócio-econômicos, culturais e biológicos, as mulheres são mais afetadas pela devastação do meio ambiente do que os homens. Bárbara Nascimento explica que “deve haver uma transformação no próprio sistema para decisões colaborativas, uma mudança estrutural no qual tenha mais mulheres ocupando cargos, para que essas tragam uma visão feminina e de gênero dentro dos espaços e não somente introduzi-las em um sistema que já é corrompido com uma visão patriarcal e capitalista”.

O Ecofeminismo é ainda uma de-



POR QUE AS MULHERES SÃO MAIS AFETADAS PELA DEVASTAÇÃO DO MEIO AMBIENTE DO QUE OS HOMENS?

CONHEÇA A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO QUE UNE AS MULHERES E A NATUREZA

ARTE: CAMILLY NASCIMENTO

nominação muito pouco conhecida no Brasil e mal interpretada em algumas situações, observa-se em vídeos e nas páginas do Facebook e outras redes, comentários pejorativos como “feminazi” e palavras de ódio, disseminados por homens e até mulheres. “Pessoas que pensam assim não

sabem ao certo o fundamento desse movimento.

Agregam conceitos esvaziados e fazem do Ecofeminismo uma ideologia de modismo. Mas na verdade, é uma vertente que tem bastante consistência, com causas muito bem embasadas, no qual a prática do con-

ceito veio antes de sua nomeação. Visto que as primeiras conexões entre feminismo e ecologia formaram-se a partir dos movimentos feministas da década de 1970”, finaliza Bárbara.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
CAMILLY ALVES

Alimentação adequada ajuda na batalha contra a Endometriose

Mudanças nos hábitos nutricionais, com foco em dieta anti-inflamatória, sem álcool e alimentos industrializados, auxiliam no alívio dos sintomas



SAÚDE: A endometriose é uma doença inflamatória que atinge o endométrio e pode gerar a infertilidade; rotina alimentar balanceada garante qualidade de vida

A presença da endometriose no organismo feminino ocasiona muitas dores, semelhantes a cólicas menstruais fortes ou dores intestinais, que são, na maioria das vezes, tratadas com o uso de remédios analgésicos e anti-inflamatórios. Mas, estratégias alimentares podem servir como aliadas às mulheres que sofrem diariamente com a doença, pois existem dietas, como as que combatem a inflamação, que atuam diretamente no alívio dos sintomas que atingem essas mulheres.

De acordo com a definição da ginecologista Cristina Bianchi, “A endometriose é uma doença inflamatória, um crescimento de um tecido endometrial fora do útero, podendo grudar em várias partes do organismo da mulher, inflamando a cada ciclo menstrual e se aprofundando cada vez mais no tecido, causando muita dor”.

A endometriose pode ser desenvolvida por fatores genéticos, ou seja, existem mulheres que pelo seu histórico familiar, têm mais chances de apresentar o quadro da doença. Mas, de acordo com Bianchi: “A endome-

triose, como muitos outros quadros, não atinge somente aquelas com propensões genéticas, mas também as que possuem um estilo de vida mais ‘inflamatório’, ou seja, uma dieta inadequada, sobrepeso e quadros de stress crônico. É como uma balança entre a propensão genética e o estilo de vida da pessoa”.

Por isso, apesar de não poder curar a endometriose, a nutrição pode ajudar a aliviar os sintomas que atingem a mulher diariamente. Segundo a nutricionista e especialista no assunto, Milena Silveira: “Apesar de não existir algo que impeça o desenvolvimento da endometriose, uma alimentação saudável rica em fibras, antioxidantes e completa nutricionalmente pode evitar que a mulher fique inflamada e tenha hormônios desregulados, já que a inflamação e a desregulação hormonal são fatores de risco para o desenvolvimento da doença”. Alimentos como o gengibre, a cúrcuma, as frutas vermelhas e o peixe tem perfil anti-inflamatório, podendo fazer parte da dieta. Já alimentos como os industrializados, embutidos, os que possuem açúcar e as bebidas alcoólicas devem ser evitados, pois podem aumentar a inflamação.

Os sintomas variam. Em um primeiro momento, o que pode ser observado é a presença de dor, uma cólica menstrual forte, mas que com o passar do tempo passa a piorar e a aparecer fora da data da menstruação. Por isso, a presença da doença pode passar despercebida. Em um segundo momento, a mulher pode passar a sentir dor na hora da relação sexual e dependendo do lugar no qual o tecido está grudado, dores específicas, como para evacuar e urinar. A longo prazo, caso demore para

ser diagnosticada, pode levar à perfuração do intestino e da bexiga. E por conta da grande inflamação dentro da barriga e da grande aderência, pode mover a trompa (estrutura do organismo feminino que liga os ovários até o útero), podendo deixar a mulher infértil.

Portanto, a rotina alimentar das mulheres que batalham diariamente contra os sintomas da endometriose, deve ser, de acordo com a nutricionista, “baseadas em alimentos naturais, com frutas, legumes e verduras. Esta ainda reitera: “Sempre costumo dizer que devemos descascar mais e desembalar menos, esse é o segredo para uma maior qualidade de vida, evitando muitas doenças”.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
PEDRO BENEVENUTO



ALIMENTAÇÃO: É IMPORTANTE CONSUMIR, AO MENOS, DUAS PORÇÕES DE ALIMENTOS ANTI-INFLAMATÓRIO E ANTIOXIDANTE



SAÚDE: UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E COMPLETA NUTRICIONALMENTE PODE EVITAR QUE A MULHER FIQUE INFLAMADA E TENHA HORMÔNIOS DESREGULADOS”, DIZ NUTRICIONISTA ESPECIALIZADA NO ASSUNTO

FOTOS: BANCO DE DADOS - FREEPIK

“Devemos descascar mais e desembalar menos, esse é o segredo para a qualidade de vida.”

Negligência atinge a saúde da mulher

Acesso à higiene menstrual é um direito e deve ser tratado como uma questão de saúde pública e de direitos humanos, defende ONU

São afetadas pela pobreza menstrual, 28% das mulheres de baixa renda na faixa etária entre os 14 e os 45 anos. De acordo com a ONG Absorvendo Amor SP, as mulheres gastam em média R\$ 13,00 por mês, considerando que, em São Paulo, os preços do pacote, com 8 unidades de absorventes, varia entre 3 a 10 reais no pacote. Pensando no valor do salário mínimo atual e levando em consideração os outros gastos mensais, como em uma compra de um pacote de 5kg de arroz no mercado, que não dá para comprar com menos de R\$20,00, na maioria dos mercados, conclui-se que o valor de um absorvente é considerado alto para a parte da população e pode-se considerar como algo que vai atrapalhar nas despesas, assim a higiene básica da mulher de fica de lado ao final do mês.

Esses números levam em conta a duração média de uma menstruação, de 4 a 7 dias, e que, portanto, são usados dois pacotes a cada ciclo.

Os valores altos e a ausência de absorventes gratuitos em postos de saúde são os principais problemas para enfrentar o período menstrual. De acordo com a ONG, as mulheres que procuram a instituição descrevem que passam pelo período menstrual de formas precárias, com utilização de tecidos impróprios, como panos de

prato, algodão, miolo de pão e muitas vezes não saem de casa, o que causa problemas de saúde por conta da insalubridade, evasão escolar e no trabalho, caso a mulher tenha alguma atividade remunerada.

O retrato da pobreza menstrual

A expressão “pobreza menstrual” nem sempre foi usada para se referir a essa questão. O tema surge nas discussões públicas somente a partir da década de 2000, embora a mesma expressão seja ainda mais recente, como forma de solucionar a desigualdade de gênero na educação, o que poderia prejudicar futuramente as meninas e outras pessoas que menstruam no acesso ao mercado de trabalho.

O que se entende hoje por pobreza menstrual sempre existiu. Na medida em que se vive em um país com um contraste social acentuado esse problema representa uma forma específica de desigualdade de gênero, pois deriva da falta de acesso a saneamento básico, banheiros e itens de higiene por mulheres e outras pessoas que menstruam. De acordo com Roberta Dieguez, psicóloga e doutoranda em Saúde Pública, o cenário faz com que essas pessoas tenham risco de infecções, por utilizar métodos inseguros de lidar com a menstruação, ou tenham dificuldades

em sair de casa, para ir à escola, por exemplo. “Isso ocorre devido à desigualdade de gênero, ainda refletida no cenário político, que negligencia os problemas específicos das mulheres e pessoas que menstruam”, diz Roberta Dieguez.

Além disso, há um grande tabu relacionado à menstruação, que faz com que as pessoas evitem falar ou mostrar

“São afetadas pela pobreza menstrual 28% das mulheres de baixa renda”

que ela existe. Há uma tendência ao silenciamento sobre esse assunto, que acarreta sua presença na formulação de políticas públicas sendo assim escassa. No entanto, os absorventes, ou outros métodos para lidar com o sangue menstrual, são itens necessários para que quem menstrua tenha dignidade, melhores condições de saúde

e possibilidades de acesso ao espaço público, o que garante a equidade no acesso à educação e ao mercado de trabalho. Apenas o fornecimento de absorventes, não resolve o problema. Também são necessários o acesso a banheiros, água limpa e informações sobre a menstruação, o que pode ser feito a partir de projetos de educação menstrual.

Maria Terezinha dos Santos Silva, 74 anos, uma senhora que viveu todo o seu período menstrual insalubremente, relata como foi para ela viver em uma época em que havia pobreza menstrual e não se tinha o conhecimento sobre as necessidades básicas para a saúde pessoal da mulher. “Então era difícil, só usava assim mesmo, os paninhos que a gente dobrava e colocava, as calcinhas tudo eram maiores. Minha mãe que ensinava a fazer isso, como ela fazia e usava né, então a gente fazia isso e assim era até muito tempo atrás mas era. A gente ia trocando, umas 4 vezes no dia, porque não era como “moods” que tem uma durabilidade maior né e colocar só o paninho dobrado assim logo já tinha q trocar né então era assim e quando tinha muita cólica, aí com dor, fazia chá em casa pra tomar, cházinho e tomava e aí era bom.”

E conta também como foi para a mesma o impacto do surgimento do

absorvente: “Foi muito difícil né, porque a gente era em bastante irmãos e essas coisas mais moderna que aparecia assim era caro, a gente achava muito caro e as condições não permitia né, mas a gente se virava com outros meios né, que era pegar assim roupa velha, cortava em pedaço pra fazer o reforço para poder usar e também a dificuldade, porque a gente não tinha trabalho, emprego, quando era mais novinha assim era difícil arrumar alguma coisa pra ter um dinheiro independente do pai e da mãe”, diz Maria Terezinha

Licença menstrual

A licença menstrual foi aprovada na Espanha recentemente. É uma conquista importante para garantir afastamento do trabalho a quem está no período menstrual e sofre com dores ou sangramentos muito intensos. São aquelas que apresentam miomas uterinos ou outras condições que podem agravar os sintomas da fase menstrual, têm muitas dificuldades de comparecer ao trabalho nesse período. No Brasil a PL 1249/22 garante licença de até três dias consecutivos, a cada mês, às mulheres que comprovem sintomas graves associados ao fluxo menstrual, sem desconto do salário.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: JÚLIA DE CASSIA

Pressão social causa efeitos na saúde mental

Estudo americano indica que oito a cada 10 mulheres já se sentiram pressionadas a seguir padrões estéticos impostos pela sociedade

As redes sociais são espaços importantes na busca incessante pela perfeição, que causam efeitos negativos na saúde mental das mulheres. Essas plataformas digitais se tornaram uma extensão essencial na vida cotidiana de muitas pessoas, mudando a forma de comunicação e conexão. No entanto, nas comunidades online é perceptível a imposição dos padrões de beleza, com a exposição constante a imagens e posts sobre aparência física. É essencial abordar essa questão e discutir como as redes sociais podem afetar negativamente a saúde mental das jovens mulheres.

Um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Pittsburgh em 2022, descobriu que as pessoas que passam mais tempo nas redes sociais apresentam maior probabilidade de desenvolver sintomas de depressão. As mulheres foram as mais afetadas, com um aumento de 50% na probabilidade de apresentar sintomas de depressão em comparação com as que usavam menos as redes sociais.

“Eu sempre consumi muita mídia asiática através das redes sociais, onde as mulheres têm tendência de serem extremamente magras, e por conta disso cheguei ao ponto de pular refeições na esperança de um corpo dos sonhos”, conta Barbara Castanha, 21, estudante universitária que faz o uso das redes

sociais por mais de 7 horas por dia. Uma pesquisa feita pela Royal Society for Public Health do Reino Unido em 2021, o Instagram é a rede social mais prejudicial para a saúde mental e bem-estar dos jovens, e as mulheres as mais afetadas. A pesquisa revelou que o uso excessivo do Instagram pode contribuir para ansiedade, depressão, solidão, bullying e diminuição da au-

“Eu sempre consumi muita mídia asiática através das redes sociais, onde as mulheres têm tendência de serem muito magras”

toestima em jovens usuárias.

De acordo com a psicóloga Gabrielly Forte, 25, é importante que se tenha a noção de que só é exposto nas redes aquilo que as pessoas querem mostrar. Muitas vezes os filtros, cirurgias plásticas e outros artifícios são

utilizados para modificar a aparência e alcançar o corpo considerado ideal, o que pode ter um impacto significativo na percepção de beleza e autoimagem. “As redes sociais são muito poderosas, de forma positiva e negativa. Essas redes nos permitem a conexão com todo o mundo, mas para as mulheres que são mais imersivas nesse universo é um espaço aberto para comparação com outros corpos e padrões muitas vezes inalcançáveis”, explicou.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Journal of Health Psychology em Dezembro de 2022, a pressão para se adequar a padrões estéticos pode levar a problemas psicológicos e alimentares, especialmente em mulheres. Desde a infância, meninas são ensinadas a valorizarem a magreza, beleza e delicadeza, enquanto os meninos são incentivados a serem fortes e musculosos. O estudo mostra que mulheres que se sentem pressionadas a se encaixarem em padrões de beleza estereotipados, se julgam inadequadas em relação a esses padrões e apresentam maior risco de desenvolver transtornos alimentares, ansiedade e depressão.

“É unânime que a mulher sempre será cobrada pela sociedade, independentemente da idade e diferenças culturais e étnicas. Cito como exemplo a demonização de mídias populares que mulheres, especialmente adoles-

centes, gostam. É conflituoso porque até mesmo os nossos transtornos mentais e sofrimento são romantizados, sexualizados, objetificados e estetizados pela perspectiva dos homens desde o início dos tempos.” disse a estudante universitária Jheniffer Silva, 20, que complementa em seguida “Ainda estou tentando conciliar formas de como lidar com as expectativas que os outros projetam em mim. Porém, cada indivíduo possui as suas particularidades, sendo essa constatação a minha principal esperança”.

As expectativas sociais em relação ao papel da mulher na sociedade e nas relações interpessoais podem gerar dificuldades em áreas como trabalho, relacionamentos e maternidade. É fundamental reconhecer essas questões e trabalhar na promoção da igualdade de gênero e da liberdade individual das mulheres.

Para a psicóloga Karine Lima, 33, é necessário falar mais abertamente sobre gêneros e sobre socialização para a desmistificação dos papéis machistas na sociedade e de como eles impactam negativamente a saúde mental de muitas mulheres que acabam gerando diversos transtornos. “desde muito cedo, vamos entendendo que parar um tempo para se cuidar e para se priorizar não cabe, sentimos culpa por isso” e complementa: “nessa lógica de dar conta de

tudo e de não se priorizar, vamos entendendo desde cedo quais lugares que nos cabem e não sobra espaço para pensar a saúde mental. Somado a isso, existe todo um estigma social de como a saúde mental ainda é vista e associada ao cuidado da loucura.”

A opinião de Lima é compartilhada por Gabrielly Forte que conclui “em primeiro lugar precisamos conscientizar sobre o perigo da comparação excessiva, além disso precisamos reforçar a importância de consumir conteúdos que procurem gerar identificação e que mostrem beleza em outros corpos do que os que já estamos acostumadas a ver, e procurar nos afastarmos de conteúdos que nos causam o sentimento de tristeza e inferioridade.”

“Existe todo um estigma social de como a saúde mental ainda é associada ao cuidado da loucura.”

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: GABRIEL SANTOS

Público feminino cresce no cenário dos e-sports competitivos brasileiros

De forma gradual, mulheres já conquistam 51,5% da área, mas ainda enfrentam preconceitos e lidam com o baixo investimento na categoria

O mercado dos jogos eletrônicos cresce cada vez mais no Brasil, com o surgimento dos mais diversos jogos, consoles e cenários competitivos no país. Segundo a Pesquisa Gamer Brasil, há mais de dois anos, as mulheres representam 51,5% do público na área e, mesmo em maioria, ainda enfrentam obstáculos e preconceitos. Apesar disso, progressos significativos promovem a igualdade de gênero, a inclusão e a participação ativa das mulheres nas competições de jogos, como aponta a Abragames, Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais.

Com as empresas eletrônicas como impulsionadoras do mercado tecnológico, o nível de incentivo aumentou em relação aos últimos anos, graças a projetos como Valorant Game Changers e Ignis Cup, torneios que trazem mais visibilidade, respeito e ânimo para mulheres que querem entrar no mercado de jogos eletrônicos. O Circuito Feminino do jogo Rainbow Six Siege, desenvolvido pela Ubisoft, por exemplo, teve premiação nunca vista: R\$ 300 mil para a ganhadora, além de R\$ 50 mil para todo o time campeão.

Apesar disso, de acordo com Ayla Cristine, jogadora de League of Legends (LoL) pelo time Raizen,

o assédio, o pouco investimento no cenário feminino e o preconceito nos jogos são alguns dos principais empecilhos para um crescimento ainda maior desses números. A Gamer aponta ainda a importância da

representatividade, tanto no mercado tecnológico quanto nos E-Sports. “Existem muitas mulheres que podem sentir medo ao ingressar nessas áreas, mas ao ver outras mulheres as representando, ficam mais confortá-

veis e começam a acreditar mais em seus sonhos”.

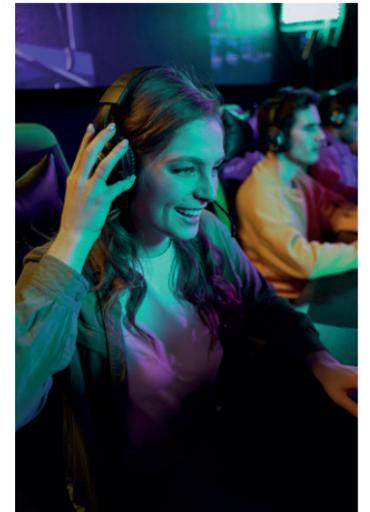
Por outro lado, a maior presença feminina nos jogos afeta, direta e positivamente, o mercado de tecnologia. Assim, a inclusão da diversidade no entretenimento e no eletrônico impacta o futuro das plataformas, as oportunidades aumentam e a indústria se adapta a essas mudanças. Para Matheus Cerqueira, jogador de League of Legends pelo time Raizen, a popularização dos celulares e dos consoles ajudou a quebrar a crença de que “tecnologia é coisa de menino”. Ele relata perceber as diferenças de tratamento do público em relação às mulheres em uma decrescente, por mérito de coletivos que as auxiliam nesse universo dos games. “Com essas comunidades, as mulheres conseguem se sentir mais à vontade em desenvolver suas habilidades nos jogos, isso por conta do ambiente em que vão estar e assim, no final, é um movimento que melhora e impulsiona o cenário competitivo por um todo.”

Entre os exemplos, há o caso do Valkírias E-Sports, um grupo de jogadoras profissionais que oferecem treinamento e preparação gratuita para meninas e mulheres que querem entrar neste mundo, justamente para fortalecer o cenário feminino. Cerqueira afirma também que “quanto

mais pessoas na indústria, melhor, isso por conta da visibilidade, que dá mais patrocínios, mais engajamento e melhor retorno financeiro.” E Cristine complementa: “com mais respeito aos times femininos nos jogos, mais o competitivo cresce, e o que antes seriam desafios a serem debatidos, passará a ter mais igualdade em um lugar que ainda é dominado por homens.”



CAMPEONATOS COMO A SUPERLIGA DE LEAGUE OF LEGENDS IMPULSIONAM A INCLUSÃO FEMININA NO CENÁRIO DE GAMES
FOTOS: DIVULGAÇÃO



As mulheres representam 51,5% do público gamer

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
LUIS FELIPE RIBEIRO

VEM PRA FAPCOM

* Inscrições abertas para o VESTIBULAR 2023.2 *

Seja **comunicador**
de um novo tempo!

Faça FAPCOM!

Inscreva-se e faça sua prova

Bolsas
de até:

60%

Lucas Freitas
Aluno de Publicidade na FAPCOM

Andressa Barbosa
Aluna de Jornalismo na FAPCOM

Caique Douglas
Aluno de Rádio, TV e Internet na FAPCOM

CONHEÇA NOSSOS CURSOS

* **Graduação** *

Rádio, TV e Internet | Jornalismo | Publicidade e Propaganda
Relações Públicas | Produção Audiovisual
Filosofia | Fotografia | Produção Multimídia

* **Pós-Graduação** *

Produção Editorial | Mídias Digitais

Está pronto para dar
o próximo passo em
seu sonho?

INSCREVA-SE →



Alguma dúvida? Fale conosco!

(11) 2139 8506 | (11) 2139 8536
vestibular.fapcom.edu.br



FAPCOM

Lição da rainha Hortênciã: 'disciplina, inteligência emocional e motivação'

Em entrevista exclusiva ao Fapcomunica, ex-atleta revela que positividade é um dos segredos para dar a volta e não se sentir derrotada

Hortênciã de Fátima Marcari, a rainha brasileira do basquete, nasceu no interior de São Paulo, em Potirendaba. A menina promissora desde cedo foi marcada pelo talento múltiplo. "Comecei na aula de educação física da escola, foi quando eu aprendi o esporte. Ali comecei a aprender o atletismo, futsal, handebol e quando me apresentaram o basquete foi que eu me apaixonei."

Em meio à simplicidade de uma vida humilde, ainda com 12 anos, ela bateu o Recorde Sul-Americano Mirim de Salto em Distância, levada pela dedicação ao esporte nas aulas de educação física, quando a professora também lhe apresentou a bola laranja. "Na escola eu já brincava um pouco de basquete, mas o que eu jogava mesmo era o Handebol. Eu acho que qualquer esporte que eu fizesse, eu ia me dar bem."

Com 14 anos de idade, Hortênciã frequentava a escolinha de basquete da Prefeitura de São Caetano do Sul, no ABC paulista. Dois anos depois, já jogava pela Seleção Brasileira de Basquete. O sonho passou a ser a conquista do ouro olímpico. "Todo atleta quer disputar um campeonato Sul-Americano, depois subir de sonho e disputar um Pan-Americano, dali ir para um Mundial e então uma Olimpíada."

Os Jogos Olímpicos de Hortênciã calharam a tardar. Até os 30 anos dela, o Brasil não havia se classificado para disputar uma olimpíada. A primeira vez foi em Barcelona, em 1992 e, mesmo com a Rainha e Magic Paula em quadra, a Seleção Brasileira teve que se contentar com o 7o. lugar. De acordo com Hortênciã, "a inexperiência ainda era muito grande no grupo, o Brasil nunca tinha participado antes (de uma olimpíada). Já na segunda vez, a gente sabia como funcionava, fomos para uma final e ganhamos uma medalha."

Essa experiência, aliada à disciplina, inteligência emocional e motivação, é fundamental para o esporte de alto rendimento. "Eu sou uma pessoa muito positiva. Eu não gosto de perder, isso é fato! O gosto da derrota não me cai muito bem. Mas como eu lido com isso? Eu procuro fazer tudo aquilo que eu posso... E com isso, eu não me sinto uma pessoa derrotada. Por quê? Porque você tem que admitir, às vezes, que o outro foi melhor que você. Não foi você que perdeu, foi o outro que ganhou. Perdedor é aquele que quando acaba o jogo, ou então acaba uma prova, diz 'eu poderia ter feito mais...' e isso nunca aconteceu comigo! Eu procuro nas derrotas buscar algo positivo para poder utilizar na próxi-

ma vez e ganhar. Então, nós ganhamos no Mundial delas (EUA), ganhamos no Pan-Americanos e perdemos nas Olimpíadas... Você tem que aplaudir o seu adversário!"

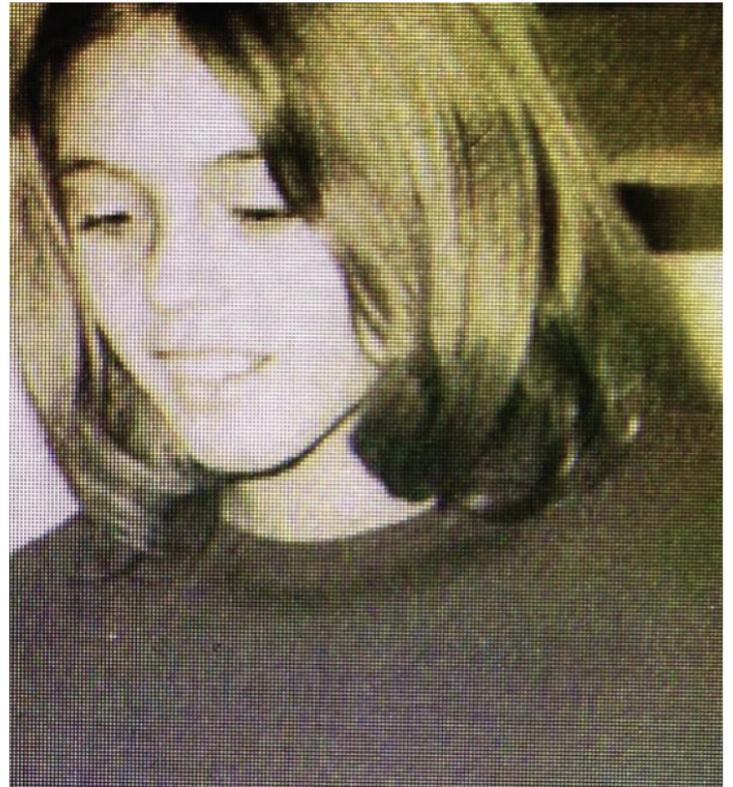
O desempenho de Hortênciã a levou para o Hall da Fama norte-americano em 2005, onde estão os maiores ídolos do esporte mundial do basquete como Michael Jordan e Magic Johnson. Depois veio o Hall da Fama da FIBA (Federação Internacional de Basquete) em 2007, quando se tornou a primeira brasileira a ser eternizada pela entidade. Uma coleção de conquistas que também contempla o Hall da Fama do Basquete Feminino, em

"Você tem que aplaudir os seus adversários."

Hortênciã Rainha do Basquete



PALESTRA MOTIVACIONAL SOBRE LIÇÕES DE VIDA: ESTRATÉGIA, VALORES E ATITUDE DE UMA CAMPEÃ. FOTOS: DIVULGAÇÃO



HORTÊNCIÃ: "EU ME SAIRIA BEM EM QUALQUER ESPORTE QUE EU FIZESSE."



2002, o título mundial de 1994 e a medalha olímpica de prata, em Atlanta, 1996. Hortênciã é, ainda, campeã dos jogos Pan-americanos de 1991 e disputou um total de 127 partidas pela Seleção Brasileira, com mais de três mil pontos marcados.

Números de quem, além dos adversários, e como todas as demais atletas, sempre enfrentou também obstáculos extra-quadra, como por exemplo, a misoginia. "Na minha época, 40 anos atrás, não existia essa palavra 'empoderamento'. A gente entrava na quadra e éramos xingadas, jogavam coisas na gente. Porém, eu escolhi isso, então eu tenho que me dedicar pra mudar. E como modificar? Através da capacidade e da competência. Na nossa época, a gente não tinha espaço, mas a gente conquistou tudo através da demonstração do nosso talento, e a mulher está fazendo isso hoje em dia, eu sei que ainda falta muito! Mas estamos caminhando pra isso."

Junto à carreira de atleta, a rainha cursou duas faculdades, se casou, constituiu família e criou herdeiros.

Após a conquista da medalha de prata em 1996, Hortênciã, que já era mãe, dedicou-se ainda mais à família. Recebeu propostas para ser comentarista e atuou em uma emissora nacional comentando a NBA e a NBB. Atualmente, ela é palestrante, semeando seu conhecimento, disciplina e táticas adotadas durante toda a vida. "Eu não saí do meu ramo esportivo para não decepcionar as pessoas. E não fui para a WNBA porque, em 1996, eu já tinha voltado para jogar a olimpíada. Mas eu não queria mais jogar basquete, e a WNBA começou em 1997. Eu já tinha parado de jogar, eu voltei só pra jogar as olimpíadas... Eu quis parar no auge."

Nas palestras, uma das principais mensagens para que esse auge dure o maior tempo possível é a busca constante pela superação. "Você tem que cobrar aquilo que você pode oferecer", completa a rainha. As palestras têm a duração mínima de 60 e depois acontece um momento de perguntas e fotos com os fãs.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: GLÓRIA DOS SANTOS

Hipersexualização é desafio para mulheres em estádios de futebol

De acordo com estudo da Federação Paulista de Futebol, apenas 14% do público que frequenta os campos é feminino; apesar de 44% ser fã

Mulheres convivem, desde muito tempo, no meio esportivo, com a hipersexualização dos corpos e sofrem violências tanto físicas quanto mentais por conta disso. No futebol isso não seria diferente, visto que é um ambiente predominantemente ocupado por homens cisgênero heterossexuais. Entretanto, as mulheres buscam, cada vez mais, enfrentar isso de frente e têm conseguido demonstrar avanços na causa, em meio ao esporte.

De acordo com a pesquisa da Kan-

tar Ibope, realizada há mais de um ano, mulheres representam 44% dos fãs de futebol no Brasil, mas mesmo que frequentem fielmente esse espaço, muitas relatam o desconforto ao usar as roupas que querem, afinal, os homens se sentem no direito de olhar, fazer comentários e até mesmo assediar.

A torcedora do São Paulo Futebol Clube, Juliana Garcia, 19, é um dos exemplos de mulheres que buscam maior liberdade nas arquibancadas dos estádios de futebol. “Eu mesma nunca tive coragem de ir ao estádio

de shorts, para mim é algo impensável. Até mesmo as camisas eu escolho modelos masculinos, buscando evitar decotes ou que marquem muito. Tenho medo, essa é a verdade”, conta a são-paulina.

Quando o esporte chegou ao Brasil, mulheres frequentavam os estádios como forma de atrair famílias da alta sociedade, com objetivo de mostrar que era um ambiente seguro, além de “embelezar” as arquibancadas, “contribuindo desta forma, muito mais para a composição visual do jogo do que como manifestantes de alguma paixão torcedora”, cita Gabrielle Ferreira em sua monografia.

Nos dias atuais, o problema segue corriqueiro. Para se ter ideia, a Federação Internacional de Associações de Futebol (FIFA) orientou as emissoras de televisão responsáveis pelas transmissões da Copa do Mundo de 2022 para que não exibissem imagens que reforçassem a erotização de mulheres nas arquibancadas.

Livia Abreu, 24, torcedora do Santos Futebol Clube, e Larissa Augusto, 22, torcedora da Sociedade Esportiva Palmeiras, acredita que as mulheres podem também contribuir com essa sexualização, apesar do maior problema ser devido ao machismo estrutu-

ral enraizado na sociedade. “Algumas atitudes, mesmo que não tenham essa intenção, podem acabar manchando um pouco essa imagem e contribuindo com a sexualização”, diz Larissa.

Livia concorda e acrescenta: “mulher usando do futebol para mostrar o corpo não é legal para a gente que luta por um espaço. Influencers que nem gostam de futebol, mas pegam a camisa do time e tiram foto de biquíni”.

Além desse problema, as mulheres, em muitos momentos, são hostilizadas nos estádios. A influenciadora e torcedora do Sport Club Corinthians Paulista, Flávia Bandoni, conta: “Uma amiga foi xingada por um torcedor, além de ser ameaçada por ele foi agredida na saída do estádio, pelo fato de dizer que o bonê dele era verde. Disse que ia bater

nela do lado de fora da arena”. Por fim, ela relata que o indivíduo não fez nada, pois viu que a colega era tiktoker e acabou pedindo desculpas.

“Não é um problema casual, é um problema social grave de um país que não suporta mulher no meio do esporte”, relata Vinícius Cassim, 29, influenciador e torcedor do Santos que entende dos seus privilégios enquanto frequentador de estádios. Para ele, essa não é uma modificação que acontecerá do dia pra noite, pois é uma sociedade inteira, com costumes e preconceitos enraizados,

No ponto de vista de Flávia, a transformação começa na valorização de mulheres que trazem conteúdo para o mundo futebolístico. Para as demais entrevistadas, é necessário continuar as idas frequentes aos estádios, e falar sobre o que gostam e sabem em suas redes sociais, que é o futebol. E o mais importante: denunciar e se impor sempre que perceberem situações em que as mulheres sejam desrespeitadas nesse meio. “Se calar nunca é a solução. Se quem tem influência não falar, isso vai seguir sendo normalizado. Nós não podemos ter medo de frequentar os estádios”, completa Juliana.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
GIOVANNA MALDONADO

“Um país que não suporta mulher no meio do esporte.”

Vinícius Cassim,
Influencer



Contra a sexualização de seus corpos: torcedoras do São Paulo, Palmeiras, Santos e Corinthians, mostram como se vestem para ir aos estádios

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Torcedoras lutam contra a cultura de masculinização

Práticas comuns invisibilizam mulheres nas arquibancadas; educação machista reforça como homem deve se comportar, explica estudiosa

Mulheres ainda têm dificuldade de torcer tranquilamente pelo time do coração. Mesmo sendo parte considerável dos fãs de futebol no Brasil, 44% segundo pesquisa realizada pela Kantar Ibope, em 2022, as mulheres ainda têm dificuldade de se inserir nos ambientes de futebol, como estádios e bares. Estes lugares ainda estão repletos de preconceitos e ideais machistas, o que torna a inserção das torcedoras um desafio.

A maneira como homens e mulheres demonstram a mesma paixão acaba sendo diferente. Segundo as

pesquisadoras e professoras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Mariana Zuaneti Martins e Kerzia Railane Santos Silva, em uma pesquisa publicada no artigo “Do futebol de mulheres às mulheres no futebol: outras identidades e identificações circulantes nos estádios” (2020) as torcedoras passaram a ser classificadas como ‘frias’, enquanto os torcedores seriam os ‘quentes’, associados também ao futebol ‘moderno’ e o futebol ‘raiz’, respectivamente.

Ainda segundo o artigo, essa classificação vem da cultura torcedora e

de como ela educa homens com base no ensino de como, quando, o que, o porquê gritar e como agir em estádios, o que acaba por institucionalizar práticas masculinas e invisibilizar as mulheres, que são educadas com outro tipo de comportamento.

Jessica Phaiffer, 28, líder do movimento feminino da torcida do Palmeiras Italian Minas, exemplifica a maneira ‘fria’ de demonstrar a paixão: “Sempre usei a camisa fora do estádio. Apesar dos comentários de homens falando besteira, tentando ‘cantar’, sempre tive uma recepção muito boa”.

Além da torcedora diferenciar a forma de torcer de aficionados e aficionadas, acabou também por influenciar como as mulheres buscam agir. Passa, então, a existir uma necessidade, ou vontade, de demonstrar estilos e costumes masculinos. Jessica conta que, mesmo sem sentir a necessidade, resolveu aderir o estilo para evitar qualquer tipo de transtorno: “Eu, particularmente, sou fã de camisas no modelo masculino, mas isso não é apenas uma preferência. Só escolhi usar algo mais casual e confortável, para evitar qualquer transtorno nos arredores e dentro do estádio.”

As pesquisadoras ainda dizem que o modo como mulheres se vestem e se portam dentro dos ambientes de futebol é constantemente julgado pela maioria dos presentes, sejam homens

ou mulheres. “Já estive presente em uma situação bem chata”, conta Jessica. “Estava na Cariúba (uma das principais ruas ao redor do Allianz Parque) e uma mulher julgou outra que estava de saia, dizendo que não era o tipo de roupa adequada para aquele lugar. Aquilo me deixou incomodada, já que nossa luta é pela liberdade. É complicado o julgamento, ainda mais por vir de outra mulher”, relata a torcedora.

“Ver outras mulheres julgando é uma das coisas mais comuns que vemos, principalmente nesses espaços. Já vi uma moça chamando outra de vulgar por estar de regata. Frases como

“Depois reclama de ser assediada mas, olha a roupa que usa.”

Jéssica,
Torcedora

‘depois reclama de ser assediada, mas olha a roupa que usa’ estão entre as que mais escutamos. Sem dúvidas esse é um dos maiores problemas que enfrentamos nesse ambiente” conta Gio-

vanna Salles, torcedora do São Paulo Futebol Clube.

A torcedora do São Paulo ainda rebateu uma das falas que diz ter escutado com certa frequência ao longo de sua vida nos estádios: “O futebol é muito masculinizado - e ir ao estádio é mais ainda. ‘Você vai ao estádio, isso é coisa de homem’, não, isso é coisa de quem gosta de futebol.”

Na História

1. Historicamente, mulheres são tratadas de maneira diferente comparando-se aos homens nos estádios.
2. No século XX, a prática feminina de levar lenços para os estádios quando iam assistir aos jogos deu origem ao termo “torcedor”.
3. As mulheres torciam seus lenços em momentos de angústia, já que, diferentemente dos homens, não podiam demonstrar suas emoções.
4. Em 1940 já havia notícias de partidas de futebol disputadas por mulheres. Nos dias de hoje, há um grande número de torcidas organizadas especificamente femininas espalhadas por todo o país.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
ISABELLA LOPES CALLÁ



Torcida: mulheres e crianças no Couto Pereira durante o Campeonato Paranaense de 2023, punição devido à briga em um Atletiba no Paranaense de 2022

FOTO: BANCO DE DADOS - FREEPIK

Consumidoras e artistas ainda são marginalizadas no cenário do rock

‘O julgamento da maioria sobre o nosso comportamento vem com uma carga enorme de descrédito’, avalia Fernanda Takai, vocalista do Pato Fu



Um dos maiores centros comerciais de São Paulo: a Galeria do Rock
FOTO: RAYANE DIAS QUINTEIRO, TIRADA EM 9 DE MARÇO DE 2023

Minha filha é um caso sério, doutor!” Ela agora está vivendo com esse tal de Roque Enrow”, canta Rita Lee na primeira estrofe de sua música “Esse Tal de Roque Enrow”. Desde a década de 50, o gênero musical ganha atenção de diversas pessoas ao redor do mundo. Com uma imagem relacionada à rebeldia, o rock inovou no cenário musical, contudo, há uma forte desvalorização pelos trabalhos das mulheres do ramo e preconceito com suas consumidoras. Para combater esse descaso e dar protagonismo às mulheres, o festival Rock The Mountain, que ocorre anualmente no Rio de Janeiro, anunciou uma line-up totalmente composta por mulheres na edição deste ano, com o apoio do Women’s Music Event, projeto que contém a proposta de aumentar a representatividade feminina na música. O evento marcado para novembro ainda apresenta um comprometimento em conter “pelo menos 50% das artistas mulheres e pessoas trans e não-binárias assim como equidade racial nas edições seguintes”.

Mesmo com diversas representações femininas, a figura da mulher ainda caminha lentamente para obter res-

peito e direitos iguais. As mulheres em geral necessitam empenhar-se mais do que os homens em todo tipo de situação, tal como no mercado de trabalho, entretenimento ou na política. No Brasil, por exemplo, dados divulgados pelo Fórum Econômico Mundial (WEF) em 2022, o país ocupa o 94º lugar de 146 posições no ranking global de igualdade de gênero, o que fez sua colocação piorar desde 2020. No cenário musical global, infelizmente a situação é a mesma.

Mesmo que consigam ocupar diversas posições nas paradas musicais com shows que podem incluir dança, canto e instrumental, como as cantoras: Beyoncé, Taylor Swift e Dua Lipa, por exemplo, a figura feminina é considerada baixa. No rock, a sexualização e a grande presença de estereótipos são ainda mais fortes. “Todo o universo do rock parece que é pensado para o mundo masculino” analisa Giovanna Andreoli, designer gráfica de 26 anos e que consome o gênero desde pequena por influência dos pais. Ela relata que é difícil uma banda de rock feminina se destacar se não for fetichizada, já que o público consumidor procura isso, o que faz com que a audiência feminina

se afaste do gênero.

O rock remete uma identidade a

“

Estamos construindo essa representatividade da mulher no cotidiano.

Fernanda Takai, cantora e compositora

quem o consome e assim cria uma forte ligação com seus consumidores. O estilo musical contém diversas nuances, porém, ainda assim, as figuras femininas que ganham destaque em qualquer subgênero ainda é pequena: “Creio que existem poucas mulheres no ramo por conta do machismo. O rock é visto como um estilo musical mais pesado/



A arquitetura e os diversos estilos apresentados pelas lojas chamam atenção dos visitantes FOTO: RAYANE DIAS QUINTEIRO

violento, geralmente associado a homens e as mulheres são vistas como frágeis e delicadas.” comenta Beatriz Fuertes, analista de segurança da informação de 22 anos e consumidora do gênero por influência do pai. A maioria das consumidoras expõe os desrespeitos sofridos por gostar do gênero. As entrevistadas comentam que sofrem questionamento de pessoas para saberem se elas realmente gostam do estilo musical, “Ah, é de lei eu sofrer interrogatório como se eu não conhecesse rock o suficiente, acho que mesmo se eu conhecesse todas as bandas e todas as músicas do mundo ainda assim não seria o suficiente. De alguma forma fariam eu me sentir no lugar errado.” comenta Giovanna.

Para Fernanda Takai, cantora, compositora, vocalista da banda Pato Fu e indicada ao Grammy Latino com seus projetos solos opina que uma mulher inserida em um cenário tão masculino tem que estar mais atenta a tudo, a ser melhor que os outros e não cometer erros, “O julgamento da maioria sobre o nosso comportamento ou performance vem com uma carga enorme de descrédito.” Takai comenta que não foi somente a indústria do rock que limitou as mulheres, mas que toda vez que uma mulher ocupa um espaço considerado masculino, acontece uma discussão sobre o valor do seu trabalho e, conseqüentemente, de como é e como deve ser seu comportamento.

Por último, Fernanda Takai lembra que quando participava de festivais de pop-rock pelo Brasil, às vezes, era a única mulher da noite, o que faz com que essa pouca quantidade crie uma certa ideia na cabeça de pessoas jovens, que pode ser impossível fazer parte de uma banda “Ao mesmo tempo, sei que foi importante pra muitas garotas me verem ali. Isso mudou de mais hoje em dia. Há muitas mulheres

nos palcos e até mesmo nós, mulheres que já achamos um espaço no mercado, ficamos mais atentas”, além de comentar que na banda solo dela, há mais mulheres do que homens e que é necessário sempre equacionar isso, “Estamos construindo essa representatividade da mulher no cotidiano em muitas áreas e a música também vai se beneficiar disso.”

A Galeria do Rock funciona de segunda à Sexta, das 09h às 19h e Sábado das 09h às 18h, na Av. São João, 439, na República, em São Paulo.

Curiosidades

- Casa de Névoa
É A primeira loja física de dark decor no Brasil oferece itens para casa com temática de magia e bruxaria
- Baratos Afins
É Uma das lojas da galeria mais queridas pelos amantes da música. Por lá, você encontra DVDs, DCs e discos de vinil de diversas épocas, estilos e artistas.
- NBA
O complexo de lojas também conta com uma NBA Store, com tênis e artigos de basquete.
- Jardim do Rock
É um espaço ao ar livre conta com bar, música ao vivo e exposições.
- Galeria Rock Bar
Com decoração inspirada na São Paulo dos anos 1990, os drinks remetem a sabores tradicionais de antigamente, como o Bombeirinho, que une cachaça, limão e groselha e o rabo de galo original, com Vermute tinto, cachaça, cynar e limão.

Cultura pop dá espaço ao protagonismo feminino e promove a emancipação

Em 2020, 16% dos 100 filmes com maior bilheteria foram direcionados por mulheres

No vasto universo de Senhor dos Anéis, obra escrita por J. R. R. Tolkien, o antagonista da história se encontra como o mal em sua essência, e ele já assumiu vários nomes e formas. Como o Melkor que se corrompeu e assumiu a identidade de Morgoth. Após eras, a malignidade passou a ser conhecida como Sauron, que se espalhou para diversos seguidores com intenções maléficas, e um deles era o Rei-Bruxo de Angmar - qual proclamou que nenhum homem o poderia matar, e acabou sendo derrotado por Éowyn, a donzela escudeira, qual proclamou "Eu não sou um homem.". Tal frase se concretizou como uma das mais icônicas do cinema, e reflete muito bem a situação que uma esmagadora gama de mulheres passam diariamente para provar o seu lugar na cultura pop, onde são arrebatadas com machismo e ódio, elas necessitam usar a força feminina.

Infelizmente, o comportamento machista é diário, segundo dados da Reach3, 59% de 900 das mulheres entrevistadas costumam usar nicknames online que não revelem seu gênero, ou até mesmo masculinos. 77% delas se sentem com frustrações constantes por conta de seu gênero. Atrizes como Daisy Ridley, que interpretou Rey Skywalker na última trilogia de Star Wars, teve que desativar as redes sociais pelo exorbitante número de comentários ofensivos por conta da personagem no longa. Seja para conversar sobre um filme, pedir sugestões de quadrinhos ou até mesmo compartilhar uma conquista pessoal durante uma jogatina, sempre haverá alguém tentando desmentar a frustração pessoal pelos comentários da internet. Os relatos mais comuns acontecem em partidas online, onde várias streamers já passaram por situações lastimáveis por terem que ouvir xingamentos e piadas misóginas enquanto só tentam criar seu conteúdo. Um movimento feminista que apontou isso para diversas mídias foi o #MyGameMyName, onde criadores de conteúdo homens cis trocaram seus nicknames para criar uma alusão feminina, e o resultado foi uma travessia de realidades, sentindo na pele o que é o machismo cibernético. Entretanto, ainda é possível encontrar páginas machistas e preconceituosas, que atacam mulheres e minorias. O perfil do twitter, Nerd Boomer Images, cria compilados de prints de postagens em diversas redes sociais sobre essa parcela da comunidade da cultura pop que fazem do gênero feminino seu inimigo.

Entretanto, o conteúdo feminino pop na mídia se expande ativamente, de acordo com um estudo conduzido pela Universidade de San Diego, as mulheres ocuparam 16% dos cargos de direção nos 100 filmes com maior bilheteria em 2020, e também tem uma crescente de personagens femininas que estão tomando conta dos cenários no pop.

Quadrinhos como "The New Champion of Shazam!", que conta a história de Mary Batson, super-heroína que estava sem um quadrinho

A própria presença feminina nesse âmbito da cultura pop já é o bastante para incomodar a masculinidade frágil e tóxica."

Thais Morgado

próprio há mais de 70 anos; "Supergirl: Woman of Tomorrow", que receberá uma adaptação live-action e vários outros títulos mostram que a luta pela visibilidade continua tão forte quanto as primeiras vozes feministas da nossa história. As mulheres trans também triunfam mais protagonismo no pop, como é o caso de Nicole Maines, atriz trans que conquistou seu lugar na história sendo a primeira heroína trans na história das adaptações live-action da DC. Nicole também teve a oportunidade de escrever histórias em quadrinhos sobre sua personagem e recebeu uma skin própria no popular jogo de battle royale, Fortnite.

Diretoras como Chloe Zhao (a primeira mulher não-branca a ganhar a estatueta do Oscar), escritoras como Gail Simone e personagens como Ellie de The Last of Us mostram que o caminho a se trilhar ainda está no começo. E para poder explorar e ouvir essas histórias e experiências tão importantes, convidamos duas mulheres para debatermos sobre o papel delas e o que elas esperam deixar de inspiração para futuras mulheres.

Thais Morgado

Escritora voltada ao audiovisual, é apaixonada por literatura, fotografia e jogos. Já realizou trabalhos para a Torre de Vigilância cobrindo críticas cinematográficas. Estuda História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seus pontos de cultura pop favoritos são: DC Comics, Fortnite, Literatura Européia, Fotografia Analógica, Música Alternativa e Cinema Independente. Você pode encontrar seu trabalho em @morgadovisk, no Instagram.

Eduarda Neves

Formada em Publicidade e Propaganda pela UNESA, e participa da comunidade de stream desde os seus 18 anos - atualmente está com 23. É fã de Overwatch e atualmente é seu jogo principal, fazendo lives durante o período da noite. Ela conta que começou sua carreira nos jogos com muita força no começo de 2023. Você pode conferir seu trabalho na Twitch pela conta twitch.tv/glaresow e no Instagram, @glaresow.

Qual foi o papel da cultura pop



ENTREVISTADAS: Mulheres inspiradoras que têm a cultura pop como paixão

FOTOS: ARQUIVOS PESSOAIS

na sua formação como pessoa e gostos pessoais?

T: A cultura pop preencheu minha vida em muitos aspectos. Sendo uma pessoa às vezes meio introspectiva, comecei a consumir muitos fatores da cultura pop no começo da minha adolescência, principalmente livros, HQs, filmes e posteriormente videogames. Muito do que eu via nesses livros e filmes populares eu me identificava e trazia para a minha vida, como uma inspiração, moldando aos poucos como eu me enxergava e o que eu particularmente gostava, sem a influência externa.

E: Norteou basicamente todos os meus gostos pessoais, desde pequena consumo a cultura pop relacionada a jogos e animações. Cresci nesse meio e tive o incentivo dos meus pais e da minha família, que também sempre gostou desse tipo de cultura, para ingressar nesse universo.

Você já sofreu com comentários machistas ao dialogar sobre algum tópico da cultura pop? Como você combateu isso?

T: Sim. Quando comecei a adentrar o mundo das histórias em quadrinhos de super-heróis, quis participar de grupos para debater sobre, e algumas vezes recebi comentários de meninos afirmando que eu estava ali atrás de atenção de outros meninos. Além disso, haviam muitos comentários com tom machista em posts desses grupos, e eu comentava o quão errado era e acabava sendo alvo de piada. Depois de um tempo decidi não me importar com os comentários e apenas me divertir vendo sobre esse produto da cultura pop.

E: Durante os jogos com interação online com outras pessoas, já sofri o machismo. Felizmente, nessa época, existia a opção de mutar, ou seja, "calar" um jogador durante a partida, e foi o que me salvou, porque quando se tentava mudar a opção do indivíduo, ele só reagia ainda mais negativamente.

Para você, qual é o motivo principal para que aconteçam tais ataques para as mulheres nesse âmbito?

T: Esses ataques vêm de pensamentos enraizados desde a infância, em que os gostos para meninas e meni-

nos são predeterminados. Existe também uma monopolização de assuntos que são considerados "cool", e quando uma mulher tem gosto por esses assuntos, ou ocorrem ataques alegando que ela quer atenção ou ela é tratada como um ser que não existe. Como se, por isso, ela fosse mais especial do que outras mulheres, o que também é totalmente machista.

E: É algo histórico, as mulheres infelizmente não são respeitadas em lugar nenhum. Mesmo hoje, realizando minhas streams, sinto medo de realizar a divulgação quando encontro um homem agressivo e mal intencionado nas plataformas de jogos, e evito nesses casos específicos.

Quais conselhos você daria para uma mulher que quer entrar mais na cultura pop?

T: Atualmente vejo que esses ataques vêm diminuindo um pouco e que as mulheres cada vez mais mostram seu poder e presença na esfera da cultura pop, mas sei que ainda existem muitos ataques machistas e isso causa receio em muitas delas. Meu principal conselho é: não deixe de lado uma paixão sua ou as coisas que você gosta de falar ou ver sobre por causa do medo do preconceito e de atitudes machistas. Acredito que ter suas paixões esmagadas é a pior coisa. Outro conselho importante é não dar ouvidos a esses comentários e atitudes, pois o que muito do que essas pessoas querem é atenção através do ataque.

E: O universo é difícil e os desafios são muitos, mas se é algo que realmente gosta de fazer, vale a pena lutar pelo seu lugar e pelo o que ama. Ninguém nunca vai tirar isso de nós, mulheres da cultura pop!

Na sua opinião, acha que as mulheres tomam alguma atitude errada ou que dão palco para que dê brecha para que tais atitudes aconteçam?

T: Com certeza não. Por experiência própria, os ataques machistas e preconceituosos podem vir com ou sem palco. Além disso, na maioria das vezes esses ataques não vêm a partir de uma atitude. A própria presença feminina nesse âmbito da cultura pop já é o bastante para incomodar a masculinidade frágil e tóxica.

E: Consumo a cultura pop há 18 anos, e durante esse tempo, pouquíssimas foram as vezes em que vi mulheres sendo agressivas com outras pessoas sem nenhum motivo. Acredito que isso seria o suficiente para que as atitudes machistas aconteçam, mas na grande maioria das vezes, esmagadora, são os homens que começam as agressões e por absolutamente nada.

Quais obras e mídias para mulheres vocês recomendam para as pessoas se familiarizarem mais com autoras e personagens femininas?

T: No mundo do cinema e séries podemos encontrar muitas personagens femininas marcantes, sobretudo aquelas dirigidas por mulheres, como Greta Gerwig e Patty Jenkins, que dirigiu os filmes da maior heroína da cultura pop, a Mulher Maravilha, o que também se encaixa na esfera das HQs. Videogames que possuem protagonistas femininas icônicas como Tomb Raider, Horizon e The Last of Us Part II são essenciais na minha opinião. Por fim, na parte literária acredito que o universo de Os Instrumentos Mortais, da autora Cassandra Clare, são uma ótima sugestão para a familiarização tanto com autoras e personagens femininas.

E: Gosto muito de seguir dubladoras dos personagens dos meus jogos favoritos! Isso me familiariza muito com o jogo e me faz gostar ainda mais de jogar, além das dubladoras de personagens que eu amo dos animes. Vale a pena buscar sobre, e isso depende muito do gosto de mulher para mulher.

Quando vemos tantos relatos sobre a vida feminina sendo diariamente alvo do machismo, sendo ele dentro ou fora da cultura pop, é inadmissível aceitar que tais falas continuem diminuindo, humilhando e desacreditando essas vozes tão poderosas. Se você quer fazer parte disso e ajudar que o impacto dessas mulheres continuem crescendo, lute por elas, ajude a expandir suas criações e ideias, e caso você não acredite no poder delas, pense nas palavras de Diana Prince, a Mulher-Maravilha, no seu próprio filme: "As mulheres parecem fracas para você porque não conhece nossa verdadeira força."

REPORTAGEM:
EDUARDO KUNTZ FAZOLIN